

USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS
COMO MEDIAÇÃO DO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

Andressa Teixeira Pedrosa Zanon (UENF/IFF)

andressa.pedrosa@gmail.com

Laís Teixeira Lima (UENF)

laisbj@gmail.com

Monique Teixeira Crisóstomo (UENF)

monikebj@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

RESUMO

O Mundo apresenta-se em rede. Hoje, a relação das pessoas com as tecnologias digitais é constante, pois em muitos lugares nos deparamos com máquinas que facilitam as tarefas diárias, grande parte delas conectadas à grande rede. Por isso, é de extrema importância que esse novo contexto seja valorizado na escola e que as tecnologias digitais sejam um auxílio no ensino-aprendizado. A oportunidade de ler está associada à disponibilidade e à variedade de livros e, com o advento da Internet, ampliou-se o universo da matéria escrita. Devemos acreditar que é papel da escola contribuir para a formação dos alunos, no que se refere à construção de critérios para seleção da matéria a ser lida. Assim, o objetivo principal do trabalho foi utilizar as tecnologias digitais na motivação da leitura e escrita de gêneros textuais em sala de aula. Para o desenvolvimento da pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico sobre a teoria que embasa o estudo. Investigamos teóricos como Koch, Marcuschi, Chartier, Lévy, Cardoso e Castells. Elaboramos sequências didáticas que valorizam as tecnologias digitais como ferramentas de motivação para o ensino-aprendizagem eficaz, utilizamos, nesta etapa, para organização das sequências didáticas, a metodologia da mediação dialética, proposta por Almeida (2007), que define os princípios para as interações com discentes, guiando o trabalho do professor, desde a elaboração do trabalho até sua aplicação e avaliação. Por último, propomos um trabalho de escrita que utiliza o *Moglu Builder*, um aplicativo gratuito que permite a criação de livros digitais. Dessa forma, acredita-se que a tecnologia influencia a educação e não pode ser ignorada, pois ela está presente no cotidiano, portanto, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no contexto escolar constitui elemento estimulador para as práticas leitoras.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Escrita. Tecnologias digitais.

1. *Considerações iniciais*

O mundo se apresenta em rede. Hoje, a relação das pessoas com as tecnologias digitais é constante, pois em quase todos os lugares nos deparamos com máquinas que muito facilitam as tarefas diárias dos cida-

dãos, grande parte delas conectadas à grande rede. O homem pós-moderno, embebido nesse contexto, dominado pelas novas formas de comunicação, vive uma transformação cultural que interfere na forma de produção e apropriação dos saberes. Por isso, é de extrema importância que esse novo contexto seja valorizado na escola e que as tecnologias digitais sejam um auxílio no ensino-aprendizado.

A oportunidade de ler está associada à disponibilidade e à variedade de livros e, com o advento da internet, ampliou-se o universo da matéria escrita. Assim sendo, é possível acreditar que a tecnologia influencia a educação e não pode ser ignorada, pois ela está presente no cotidiano de grande parte das pessoas. Portanto, o uso das tecnologias de informação e comunicação no contexto escolar, constitui elemento estimulador para as práticas leitoras. Além disso, devemos acreditar que é papel da escola contribuir para a formação dos alunos, no que se refere à construção de critérios para seleção da matéria a ser lida.

Diante desse contexto, tentaremos responder à seguinte questão-problema: De que maneira a interação com as tecnologias digitais podem motivar o processo de leitura e escrita de gêneros textuais na escola?

Todos os setores da sociedade vêm se transformando, a partir do uso das novas tecnologias, com a educação não poderia ser diferente. Cada vez mais se torna urgente associar as novas formas de interação ao saber escolar, uma vez que o desenvolvimento tecnológico tende a avançar a cada dia, já não se pode negar a influência que isso vem tendo dentro do ambiente escolar.

2. Revisão de literatura

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, publicados em 1998, apontam uma necessidade latente de se trabalhar os gêneros textuais na escola, como uma nova possibilidade ao ensino meramente tradicional que era feito. Apesar de já ter mais de uma década de existência, vemos que muitos princípios propostos pelos parâmetros ainda não foram incorporados ao cotidiano escolar, principalmente se observarmos as aulas de língua portuguesa, em que os professores insistem em reproduzir um ensino mecânico, pautado em regras meramente gramaticais, que pouco contribui para um ensino significativo e eficaz.

O trabalho com os gêneros textuais, na escola, permite que o aluno realize o mais importante no ensino de língua portuguesa: torne-se

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

competente em leitura e escrita, seja capaz de agir no mundo a partir dos conhecimentos linguísticos que internalizou. Por este motivo, a linguística textual aponta para a urgência de se realizar um trabalho efetivo com gêneros textuais.

Utilizar os gêneros textuais no ambiente escolar significa usar a língua em sua mais natural interação, pois eles “são um artefato cultural importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 149). Para Bakhtin (2003, p. 268), os gêneros “refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social”. Sendo assim, o surgimento ou apagamento de um gênero ocorre devido à pressão de uso da comunidade linguística e obedece a regras naturais de utilização.

Segundo Bronckart (2003, p. 72) “os textos são produtos da atividade humana e, como tais, estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos.” Vemos, assim, o aspecto social, interativo dos gêneros e, portanto, a necessidade de a escola trabalhar com tais elementos. Na mesma linha de raciocínio Dias et al. (2011) afirma:

É importante destacar que cada prática social produz e utiliza gêneros discursivos particulares, que articulam estilos e discursos de maneira relativamente estável num determinado contexto sócio-histórico e cultural. Assim, para uma melhor participação nas práticas sociais, é preciso que o indivíduo saiba ler e produzir diferentes gêneros associados a diferentes práticas sociais. Isso está diretamente relacionado ao desenvolvimento da competência discursiva, compreendida como a capacidade que os usuários da língua devem ter para escolher o gênero mais adequado aos seus propósitos, na prática de produção de textos, e de, na prática de leitura, reconhecer o gênero em evidência, suas especificidades e a prática social a qual ele está vinculado. A competência discursiva só pode ser adquirida na interação verbal por meio dos gêneros, dentro das práticas sociais. (DIAS et al., 2011, p. 153)

Como vemos, gêneros textuais estão diretamente ligados à sociedade em que se realizam e depende diretamente das necessidades dos usuários da língua. Segundo Adam (2008, p. 344-345), “todo texto tem uma existência inseparável de outros textos que trabalham sua bela, mas ilusória unidade: a cotextualidade”. Adam (2008) afirma que:

Considerando as línguas e os gêneros como componentes sistêmicos de base da interdiscursividade, definimos esta última como um reservatório de memória que torna possível (preservando ou proscrevendo) a formulação (ou formulações) dos enunciados, tanto na produção como na interpretação, nas comunidades sociodiscursivas de autores, de editores (no sentido amplo de instâncias responsáveis pela fixação e pela difusão de um texto sobre um suporte-meio) e de leitores-ouvintes (interpretantes). (ADAM, 2008, p. 45)

Por seu caráter discursivo e social, os gêneros textuais estão diretamente ligados às mudanças sociais e culturais. Dessa maneira, a revolução digital também foi responsável pela transformação de hábitos e alterou consideravelmente a utilização dos gêneros. Hoje, vemos a importância de se trabalhar os gêneros textuais em sala de aula e também temos uma necessidade urgente de adaptar as novas tecnologias digitais no ambiente escolar.

As novas tecnologias digitais, por seu caráter estritamente social, não podem deixar de estar presentes nas discussões sobre educação, uma vez que ela faz parte do desenvolvimento de qualquer sociedade. Apesar dessa necessidade, o que vemos, na realidade, é uma sociedade completamente vinculada e dependente das novas tecnologias, mediadas por elas e o ambiente escolar ainda nos mesmos moldes de séculos passados, obsoletos. É importante que se faça uma reflexão sobre esse contexto, para entender os motivos que levam a escola a permanecer imutável ou com pequenas alterações de seus paradigmas.

Apesar da urgência em se alterar alguns modelos na educação, não podemos fazer de maneira impensada, precisamos refletir sobre as práticas educacionais e entender a melhor maneira de associar a tecnologia para o aprendizado, pois, como aponta Castells e Cardoso (2005):

Difundir a internet ou colocar mais computadores nas escolas, por si só, não constituem necessariamente grandes mudanças sociais. Isso depende de onde, por quem e para quem são usadas as tecnologias de comunicação e informação. O que nós sabemos é que esse paradigma tecnológico tem capacidades de performance superiores em relação aos anteriores sistemas tecnológicos. Mas para saber utilizá-lo no melhor do seu potencial, e de acordo com os projetos e as decisões de cada sociedade, precisamos de conhecer a dinâmica, os constrangimentos e as possibilidades desta nova estrutura social que lhe está associada: a sociedade em rede. (CASTELLS & CARDOSO, 2005, p. 19)

Assim, uma vez que é papel da escola promover o letramento, é importante refletir sobre a formação do leitor da era digital e pensar como os recursos tecnológicos atuais podem ser usados para incentivar a leitura e a escrita, uma vez que esses são os objetivos principais do ensino de língua portuguesa na escola. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, por sua vez, reforçam que é papel da escola o reconhecimento das possibilidades dessas tecnologias e a democratização de seu uso. (BRASIL, 2011)

Lemke (2010, p. 146) afirma que esses recursos exigem novas maneiras de apresentação para os alunos, pois são “habilidades de autoria multimidiáticas, análise crítica multimidiática, estratégias de exploração

do ciberespaço e habilidades de navegação no ciberespaço”. Essa nova forma de encarar a informação pede do professor uma nova maneira de apresenta-las. Não cabe mais no ambiente escolar um ensino bancário e tradicional. É papel dos professores encaminharemos esses alunos utilizando as ferramentas digitais, pois elas estão transformando o modo como estudantes e professores comunicam suas ideias e também as formas como aprendem e ensinam.

Nessa concepção, vemos que o ensino de língua portuguesa, na escola, pode se beneficiar das ferramentas digitais para a motivação dos educandos. Sabendo da nova realidade social, em que as mídias digitais assumiram um local de destaque, cabe ao professor tentar adaptar seu conteúdo e utilizar das tecnologias digitais a favor da construção do conhecimento efetivo. Dessa maneira, em língua portuguesa, cabe pensar em uma valorização da leitura e da escrita, principais competências desejadas, motivadas pelo uso das tecnologias digitais. O estudo dos gêneros textuais, para o desenvolvimento da leitura e escrita, podem, de maneira eficaz, serem mediados pelos recursos tecnológicos, para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. O texto, então, seria o principal ator do processo, mediado pelas tecnologias.

Segundo Koch (1997, p. 11), o texto é definido pelos linguistas como “uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas”. Assim, o objeto de estudo da linguística textual é o texto e suas nuances de textualidade. De acordo com Koch (1997), o texto constitui um todo que é diferente da soma das partes e não somente um conjunto de frases isoladas.

Para Koch (2011), uma abordagem interativa e sociocognitiva da linguística textual consiste em pensar o texto como lugar de interação de indivíduos sociáveis, como um fato em que concorrem ações linguísticas, cognitivas e sociais. Essas ações culminam em atitudes interativas, com múltiplas propostas de sentido, com funções definidas pelos enunciadores. Essas possibilidades de interação são inúmeras e incontáveis e nos permite pensar o texto como um objeto complexo e multifacetado, construído sócio-historicamente.

Para Marcuschi (2008, p. 72), o texto é “o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus veículos com o mundo no qual ele surge e funciona”. Em outras palavras, o “(...) texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em al-

gum gênero textual. Discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva”. (MARCUSCHI, 2010, p. 25)

Koch (2001) pondera que

Os textos, como formas de cognição social, permitem ao homem organizar cognitivamente o mundo. E é em razão dessa capacidade que são também excelentes meios de intercomunicação, bem como de produção, preservação e transmissão do saber. Determinados aspectos de nossa realidade social só são criados por meio da representação dessa realidade e só assim adquirem validade e relevância social, de tal modo que os textos não apenas tornam o conhecimento visível, mas, na realidade, sociocognitivamente existente. A revolução e evolução do conhecimento necessita e exige, permanentemente, formas de representação notoriamente novas e eficientes. (KOCH, 2001, p. 3)

Dessa forma, a linguística textual, com esta nova concepção de texto, parece ter-se tornado um cruzamento, para o qual convergem muitos caminhos, mas que é também o ponto de partida de muitos deles, em diversas direções. Dessa forma, associar o estudo de gêneros textuais, na escola, à motivação com as novas tecnologias digitais permitirá que os alunos consigam internalizar, com mais eficiência, os conceitos de texto e também efetivem sua competência comunicativa na leitura e escrita dos mais variados gêneros textuais. Dessa maneira, podemos afirmar que o trabalho com gêneros textuais atrelado às novas tecnologias digitais podem ser um diferencial no desenvolvimento de competências linguísticas.

As pessoas, de uma maneira geral, têm uma tendência em pensar que o termo tecnologia está ligado apenas aos conceitos modernos de inovações computacionais e comunicacionais. Estudos modernos, porém, mostram que tecnologia é toda e qualquer técnica utilizada para facilitar alguma tarefa do ser humano, essa palavra é de origem grega e significa técnica, arte, ofício e estudo. De acordo com Kauark, Manhães e Medeiros (2010):

A técnica, a tecnologia, ou seja, a capacidade de aprender a trabalhar com bens naturais, transformando-os em bens manufaturados e úteis, daí em outros bens e serviços elaborados, em degraus de complexidade crescente, não é exclusividade humana. [...] Porém, apenas o homem, através da ciência metódica, evolução do pensamento mágico, metafórico, para a especulação sistemática, é capaz de produzir tecnologia avançada. (KAUARK, MANHÃES & MEDEIROS, 2010, p. 17)

Sendo assim, pode-se dizer que a tecnologia acompanha o desenvolvimento do homem desde os seus primórdios. Em cada fase de desenvolvimento, o homem buscou explicações e entendimento de suas dúvidas, todas, portanto, foram de grande importância para o modo de vida

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

como conhecemos hoje, no mundo pós-moderno. De acordo com Ferreira (2001):

A tecnologia foi criada para facilitar a vida do ser humano. Recursos tecnológicos estão intimamente ligados ao progresso da sociedade. O termo é objeto de reflexão desde o seu surgimento, já que não se resume aos meios de produção, mas, também, aos produtos e objetos. (FERREIRA, 2001, p. 37)

Durante o desenvolvimento do conhecimento, o homem passou por algumas formas de comunicação: a pictórica, a gestual, a oralidade e, por último, a escrita. Esse desenvolvimento dependeu diretamente do contado de um com o outro, ou seja, da vida em comunidade. A escrita revolucionou de vez os padrões de comunicação, pois agora sim existiria um registro unificado. Como mostra Souza (2003):

O aperfeiçoamento dos meios de veicular a informação fundamenta-se na necessidade de o homem se comunicar. O ser humano, ao longo de sua história, mantém-se sempre na expectativa a desvelar novos horizontes, explorar territórios alheios, impulsionado pelo desejo de interação, de descoberta (...) A partir de então, o homem não precisou mais se preocupar com a questão do apagamento das memórias. Suas lembranças não mais dependiam da transmissão oral, passaram a ser registradas pela escrita. (SOUZA, 2003, p. 13)

Em um primeiro momento os registros eram feitos nas pedras, as pessoas, então, precisavam buscar o conhecimento, ir ao encontro dele. Depois de algum tempo, para tornar a escrita mais acessível, utilizava-se pedaços de pedras, peles de animais, tábuas. Por fim, as grossas tábuas transformaram-se em papiros e papéis, que por terem maior praticidade, trouxeram mobilidade para as informações que seriam veiculadas. Pouco a pouco a evolução foi se tornando completa e os padrões de leitura e escrita também se transformaram, como nos apresenta Chartier (1998):

Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram a compreensão. (CHARTIER, 1998, p. 77)

Como podemos observar, o homem sempre sentiu a necessidade de se comunicar e as formas para fazê-lo foram se alterando de acordo com a evolução das técnicas que conseguia desenvolver. A tecnologia e a comunicação, então, acompanham todo o caminhar da humanidade e, por isso, precisam fazer parte das discussões científicas de todos os tempos. A internet revolucionou os conceitos do que é comunicação, uma vez que ela abrange um número cada vez maior de usuários e, então, torna-se uma forma de interação em massa.

Sabemos que as tecnologias digitais vêm causando alterações importantes, por isso, o seu uso deve ser considerado tanto na esfera pessoal quanto profissional. É comum que diversas profissões utilizem a ferramenta para facilitar as interações cotidianas e agilizar transações. A sociedade, hoje, encontra-se em rede e isso traz alterações significativas, como aponta Castells e Cardoso (2005) “A comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais”. (CASTELLS & CARDOSO, 2005, p. 18)

A educação, em particular, vem precisando, cada dia mais, dos recursos tecnológicos para tornar o ambiente pedagógico mais atrativo e de acordo com as urgências sociais. Dessa maneira, faz-se necessária a investigação detalhada da capacidade motivacional das tecnologias digitais no ensino e aprendizagem de língua portuguesa, principalmente em leitura e escrita.

Nesta apreciação, somos capazes de reconhecer o aspecto social do texto, que será fundamental em qualquer intercâmbio que se deseje e portanto, sua interação com as tecnologias digitais. Koch (2011) versa sobre o conceito:

Levando em conta a concepção de texto atualmente adotada pela linguística textual, isto é, que todo texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não um único sentido, e que todo texto é plurilinear na sua construção, poder-se-ia afirmar que – pelo menos do ponto de vista da recepção – todo texto é um hipertexto. O texto se constitui de um conjunto de pistas destinadas a orientar o leitor na construção do sentido; e, mais ainda, que, para realizar tal construção, ele terá de preencher lacunas, formular hipóteses, testá-las, encontrar hipóteses alternativas em caso de desencontros. (KOCH, 2011, p. 61)

Seguindo a lógica interacional do texto, Geraldi (2006) afirma que

A leitura, por sua vez, é entendida como um processo de interlocução entre leitor/texto/autor. O aluno-leitor não é passivo, mas o agente que busca significações. E nesse processo de leitura, de interlocução do aluno-leitor com o texto/autor, a posição do professor não é só do mediador do processo que dá ao aluno sua leitura do texto. (GERALDI, 2006, p. 107).

Assim também é o leitor, que deve correr atrás das pistas que o texto lhe oferece para que as lacunas sejam fechadas e o sentido encontrado com eficiência. Leitor, por sua vez, é todo o indivíduo que se apropria linguisticamente de algum texto, fazendo uso do mesmo para sua fruição, aprendizado, dentre outras atividades. De acordo com Amora (2006),

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Existem muitos tipos de leitores: os que gostam de obras de passatempo, como, por exemplo, os romances policiais, os de espionagem, os de aventuras; os que gostam de aprender e, por isso, procuram romances históricos, de viagens, de ficção científica; os que têm necessidade de dar asas à imaginação e, assim, preferem os livros de conteúdo fantástico; existem ainda os que pedem a uma obra motivos de excitação da sensibilidade, e daí gostarem sobretudo de poesia lírica; e existem também os que pedem a uma obra ensinamento quanto à arte de escrever, donde apreciam somente os escritores hábeis nessa arte e criadores de novas formas de expressão literária. (AMORA, 2006, p. 120)

Percebemos que vários são os gostos e os objetivos dos diferentes leitores, por isso, a cada um deles é preciso apresentar algo que possa motivar, para que tenha a oportunidade de se interessar pela leitura. Por esse motivo, desde a primeira infância, na escola, os indivíduos passam a ter contato com os gêneros textuais. Mas, parece que de uma determinada faixa etária para frente, os alunos começam a perder o interesse por esses textos, justamente por ser o momento de eles próprios iniciarem suas investigações textuais, pois até então a leitura lhe era apresentada pela recriação de terceiros, quando os mesmos ainda não dominam a prática da leitura e da escrita.

Dessa maneira, a escola precisa entender que motivar o gosto pela leitura é tarefa constante e associar a leitura e escrita às novas tecnologias digitais pode ser um caminho eficaz de aprendizagem. Bellenger (1978) alerta:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se como apaixonado ou como místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se, no sentido próprio e figurado. É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer. (BELLENGER, 1978, p. 17)

Dessa forma, se desejamos fomentar a leitura na escola, é importante que se pense em uma alternativa que possa ser mais agradável para o aluno e que, assim, o ensino se configure como uma prática eficaz de formação de leitores, escritores e cidadãos competentes. Devemos também pensar no tipo de interação que o aluno terá com a leitura, pois, de acordo com Koch (2011),

O sentido de um texto é, portanto, construído na interação texto-sujeitos ou texto-coenunciadores e não algo que preexista a essa interação (...) o texto, organizado estrategicamente de dada forma, em decorrência das escolhas feitas pelo produtor entre as diversas possibilidades de formulação que a língua

oferece, de tal sorte que estabelece limites quanto às leituras possíveis. (KOCH, 2011, p. 19)

Portanto, se queremos que o aluno consiga estabelecer essa interação necessária com o texto, devemos propor leituras que sejam capazes de mobilizar a atenção dos educandos, a fim de efetivar uma formação adequada de leitores na escola. Lévy (1999) considera que estamos vivendo um segundo dilúvio, o “dilúvio informacional” e esse dilúvio não terá fim. Portanto, nas palavras do autor, “temos que ensinar nossos filhos e alunos a nadar, flutuar, talvez navegar”, ou seja, não há retorno, precisamos aprender a nos adaptar a esse contexto cibercultural. Esse novo contexto, de acordo com Chartier (1998), trouxe uma revolução no processo de leitura e escrita e precisa ser, pela escola, valorizado.

3. Justificativa

Os relatórios elaborados a partir dos resultados de dois importantes instrumentos de avaliações externas da escola, a saber, PISA e SAEB, apontam para uma insipiência nas habilidades de leitura e escrita dos alunos da educação básica. Diante disso, faz-se necessário, portanto, o estímulo ao trabalho com leitura e escrita em sala de aula, valorizando as seqüências didáticas com gêneros textuais.

A partir desse contexto, de propiciar o estímulo à leitura e escrita, tentaremos motivar o trabalho a partir de seqüências didáticas que utilizem as tecnologias digitais como ferramenta, uma vez que estas parecem ser bem aceitas pelos alunos e podem servir de estímulo para um aprendizado mais significativo. A inserção das tecnologias digitais no contexto social é uma realidade concreta, por isso, cabe à escola estudar as maneiras de inseri-las nas aulas, para fomentar o desenvolvimento efetivo dos educandos.

4. Objetivos:

4.1. Geral

- Utilizar as tecnologias digitais na motivação da leitura e escrita de gêneros textuais em sala de aula.

4.2. Específicos

- Verificar a importância da leitura e da escrita para a formação cidadã do educando;
- Identificar de que maneira as tecnologias digitais podem motivar e facilitar o trabalho com leitura e escrita em sala de aula;
- Propor seqüências didáticas que utilizem as tecnologias digitais para o trabalho com leitura e escrita em sala de aula;
- Utilizar o aplicativo *Moglu Builder* para incentivar a leitura e, principalmente a produção escrita dos alunos.

5. Metodologia

Para o desenvolvimento da pesquisa, realizaremos um levantamento bibliográfico sobre a teoria que embasará o estudo, por abordarem o tema proposto. Investigaremos teóricos como Koch, Marcuschi e Chartier, que tratam da importância da leitura e da escrita. Observaremos também as produções de Lévy, Cardoso e Castells, que abordam a temática da tecnologia no desenvolvimento da educação, entre outros autores.

Dando continuidade, elaboraremos seqüências didáticas que valorizam as tecnologias digitais como ferramentas de motivação para o ensino-aprendizagem eficaz dos alunos da educação básica. Utilizaremos, nesta etapa, para organização das seqüências didáticas, a metodologia da mediação dialética, proposta por Almeida (2007), que define os princípios para as interações com discentes, guiando o trabalho do professor, desde a elaboração do trabalho até sua aplicação e avaliação.

Por último, proporemos um trabalho de escrita que utilize o *Moglu Builder*, um aplicativo gratuito que permite a criação de livros digitais, em que o aluno é capaz de inserir o texto, sons e imagens para elaborar seu próprio projeto escrito. A pesquisa será, portanto, quali-quantitativa, com foco principal na metodologia da mediação dialética, para as interações com os educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J. M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

ALMEIDA, J. L.; ARNONI M. E. B.; OLIVEIRA, E. M. de. *Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática*. São Paulo: Loyola, 2007.

AMORA, A. S. *Introdução à teoria da literatura*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BAKTHIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BELLENGER, L. *Os métodos de leitura*. Trad.: Dora Flaksmam. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação. Resultados do SAEB. 2005. Disponível em: <www.inep.gov.br>. Acesso em: 12-12-2014.

_____. Resultados do SAEB. 2011. Disponível em: <www.inep.gov.br>. Acesso em: 12-12-2014.

_____. Resultados do PISA – 2000 até 2012. Disponível em: <www.inep.gov.br>. Acesso em: 12-12-2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 2011.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, 2003.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. *A Sociedade Rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 2005.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad.: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

DIAS, E. et al. Gêneros textuais e(ou) gêneros discursivos: uma questão de nomenclatura? *Interacções*, n. 19, p. 142-155, 2011. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/475/429>>. Acesso em: 28-12-2014.

FERREIRA, J. *O sentido da tecnologia: entre o conhecimento e as estratégias de mercados*. 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/jairo2.htm>>. Acesso em: 14-12-2013.

GERALDI, J. W. Prática da leitura na escola. In: _____. *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

KAUARK, F. S.; MAGALHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna - BA: Via Litterarum, 2010.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Linguística textual: Quo Vadis? Delta*, vol. 17 special issue. São Paulo, 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4502001000300002>. Acesso em: 27 dez. 2014.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 49, n. 2, Campinas, jul/dez. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18-12-2014.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

SOUZA, C. H. M. *Comunicação, educação e novas tecnologias*. Campos dos Goytacazes: FAFIC, 2003.